

Ano 12, Vol XXIII, Número 1, jan-jun, 2019, Pág. 199-209.

KIERKEGAARD VAI AO CINEMA: BREVE ANÁLISE FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIAL DO FILME “IDA”

Washington Allysson Dantas Silva, Fabiana Cirino dos Santos & José Henrique Costa

RESUMO: No estudo dos fenômenos, sejam eles naturais ou psicológicos, a arte se manifesta como possibilidade de representação e acesso para os estímulos humanos. Adicionalmente, no que diz respeito à relação entre filosofia e arte, o sujeito que se propõe a investigar as aproximações e os distanciamentos entre os dois espaços de saber deve confrontar a si mesmo com os diversos campos de produção. A arte, defendida neste estudo sob a dimensão poética, enquanto um fenômeno cultural, pode ser discutida a partir de um viés fenomenológico e existencial, exemplificada a partir do cinema. Este trabalho teve como objetivo a análise do filme “Ida” a partir dos preceitos teóricos existencialistas do autor Søren Kierkegaard, buscando captar as aproximações entre a obra e as discussões trazidas pelo filósofo. Conclui-se uma convergência entre as vivências da personagem do filme com os postulados acerca dos estágios de vida de Kierkegaard, especialmente o religioso e o estético.

Palavras-chave: cinema, existencialismo, desespero, estágios de vida.

Kiergaard goes to the cine: brief phenomenological-existential analysis of "Ida" movie

ABSTRACT: In the study about of phenomena, whether natural or psychological of, art manifests itself as a possibility of representation and access to human stimuli. In addition, as regards the relation between philosophy and art, the subject who proposes to investigate the approximations and distances between the two type of knowledge must confront oneself with the different fields of their production. The art, defended in this study under the poethic dimension and as a cultural phenomenon, can be discussed from a phenomenological and existential bias, exemplified for the cinema. This work aimed to analyze the movie "Ida" among the existentialist theoretical precepts of the author Søren Kierkegaard, seeking to capture the approximations between the work and the discussions brought by the philosopher. It is possible to assume that are a convergence between the experiences of the character of the movie with the Kierkegaard's postulates about the stages of life, especially the religious and the aesthetic.

Keywords: cine, existentialism, despair, stages of life.

Kierkegaard va al cine: breve análisis fenomenológico-existencial de la película "Ida"

RESUMEN: En el estudio de los fenómenos, ya sean naturales o psicológicos, el arte se manifiesta como posibilidad de representación y acceso para los estímulos humanos. Además, en lo que se refiere a la relación entre filosofía y arte, el sujeto que se propone investigar las aproximaciones y los distanciamentos entre los dos espacios de saber debe confrontarse a sí mismo con los diversos campos de producción. El arte, defendido en este estudio bajo la dimensión poética, como un fenómeno cultural, puede ser discutido a partir de un sesgo fenomenológico y existencial, ejemplificado a partir del cine. Este trabajo tuvo como objetivo el análisis de la película "Ida" a partir de los preceptos teóricos existencialistas del autor Søren Kierkegaard, buscando captar las aproximaciones entre la obra y las discusiones traídas por el filósofo. Se concluye una convergencia entre las vivencias del personaje de la película con los postulados acerca de las etapas de vida de Kierkegaard, especialmente el religioso y el estético.

Palabras clave: cine, existencialismo, desesperación, etapas de la vida.

INTRODUÇÃO

A pesquisa filosófica, como aponta Soulages (2012), fundamenta-se em determinados campos de produção, a exemplo do mundo exterior (e.g., o mundo natural, cuja captura seria dada através da observação, análise e interrogação), do

mundo intermediário (e.g., pensamento, linguagem, escrita e imaginário), e do mundo da cultura (e.g., a cultura filosófica enquanto estrutura histórica e vivencial).

No que diz respeito à relação entre filosofia e arte, o sujeito que se propõe a investigar as aproximações e os distanciamentos entre os dois espaços de sentido deve confrontar a si mesmo (i.e., seus conhecimentos, experiências, valores e crenças) com os mundos mencionados acima, mais especificamente o da arte, a qual é inserida no espectro do mundo da cultura. Defende-se a arte não como a obra em si mesma, mas a partir de “os condicionamentos e as intenções dos artistas em seus atos de fazer ou de criar, os artistas e suas fábulas” (Soulages, 2012, p. 78), movimento denominado de *pioética*.

Dessa forma, a arte, compreendida como um fenômeno cultural, pode ser discutida a partir de um viés fenomenológico e existencial. Acerca da fenomenologia, ciência do fenômeno, defendida por Husserl, pode-se discutir sobre a sua defesa ao retorno às coisas mesmas, isto é, a busca pelo conhecimento dos fenômenos como excelência, não vinculados a uma condição teórica ou imagética *a priori*, mas acessíveis e verdadeiros (Dartigues, 2005).

No cotidiano vivido, os indivíduos têm a tendência de manifestar uma atitude natural sobre os fenômenos. Essa atitude natural diz respeito à teorização das coisas a partir do local, vivência, crenças e valores pelos quais o sujeito se coloca no mundo. A atitude fenomenológica, contrária à natural, nasce na tentativa de elaborar o conhecimento sobre os fenômenos a partir da suspensão dos sentidos postulados, mecanismo conhecido como *epoché* (Tourinho, 2011).

O estudo fenomenológico se preocupa com a *entridade* (i.e., contexto relacional), a relação estabelecida, uma vez que na relação se encontra o princípio da intencionalidade – eu e o outro, eu e o objeto (Tourinho, 2011).

Uma das formas de observar o fenômeno aliado à arte se dá a partir do cinema. O cinema é uma apresentação artística dinâmica que utiliza de fotografias e sons para manifestar determinado conteúdo expresso no imaginário ou no comportamento social. Atravessa a imagem cinematográfica a impressão de realidade, cuja representação filosófica perpassa tanto o criador da obra, quanto a sua relação com aquilo que está sendo produzido (Jorge, 2013).

Estabelece-se no cinema a categoria representacional, podendo, dessa forma, discutir questões ligadas não somente à arte, mas à própria filosofia, com temas voltados à existência. Como exemplo, cita-se o filme “Ida”, cuja descrição e análise serão feitas adiante à luz dos postulados fenomenológicos-existenciais de Søren Kierkegaard.

A respeito do existencialismo, discute-se como uma filosofia que busca explicar sobre a existência concreta, pautada na verdade vinculada à subjetividade, enquanto subjetividade compreendida como a singularidade individual dos sujeitos (Janzen & Holanda, 2012). O elemento central da filosofia da existência é a realidade existencial concreta, isto é, a “a vida mesma” (Feijoo & Protasio, 2011).

Assim, se coloca como objetivo deste trabalho a análise da obra artística cinematográfica “Ida” a partir dos preceitos teóricos existencialistas do autor Søren Kierkegaard, buscando captar as aproximações entre o filme e as discussões trazidas pelos filósofos.

O estudo se justifica pelo baixo número de produções científicas que abordem a relação temática entre os postulados fenomenológicos-existenciais e a produção de sentidos a partir da arte, mais especificamente através do cinema.

APORTE TEÓRICO

Antes de prosseguir, é preciso ser dito que este trabalho se norteia a partir de alguns conceitos considerados como essenciais para Søren Kierkegaard, os quais serão aqui dispostos como forma de fundamentar as análises realizadas no filme.

Søren Kierkegaard nasceu em 1813, na Dinamarca, na cidade de Copenhague, discute sobre a existência humana a partir da ideia de indivíduo, da verdade enquanto subjetividade. O homem, para Kierkegaard, é espírito, cuja forma cristã seria a de excelência para a existência. Como pontua Janzen e Holanda (2012), Kierkegaard consegue “retirar o homem como mero pertencente a uma espécie e colocando-o como definidor de sua existência” (p. 575).

Em seus postulados, Kierkegaard discorre sobre os estágios de existência humana, os quais estabelecem referenciais em que os homens fundamentam as suas escolhas. Os estágios são pontos de vistas, sendo formas de existir, são eles: o estético, o ético e o religioso.

O estágio estético está ligado ao prazer à alegria momentânea; nele, preza-se o agora, não havendo envolvimento afetivo profundo nos relacionamentos estabelecidos, desvinculando-se das obrigadoriedades, com mudanças constantes. Nesse estágio, destacam-se o descompromisso com os demais e a busca pela realização de si através do prazer e do egocentrismo (Janzen & Holanda, 2012).

O ético diz respeito à responsabilidade e ao dever. Nesse estágio, o sujeito volta-se ao compromisso, à moralidade, preocupando-se com o tempo, cuja vida é uma “continuidade histórica” (Janzen & Holanda, 2012, p. 585). O homem ético preocupa-se com as consequências e a responsabilidade de seus atos, buscando coerência a partir dos valores e normas morais.

Já o religioso, considerado por Kierkegaard como o estágio superior, volta-se a uma profunda relação com Deus, no qual o sujeito prioriza a humildade, com apelo à subjetividade/verdade profunda. O indivíduo investe sua energia no foco da eternidade, comparando o eterno ao efêmero oferecido pelos prazeres terrestres (Janzen & Holanda, 2012).

A passagem de um estágio para outro ocorre a partir de saltos, cuja imagem representa a metáfora da ruptura, sendo essa essencial, uma vez que cada estágio é caracterizado por uma perspectiva e uma possibilidade de existência diferente (Jolivet, 1952).

Ainda, alguns conceitos se fazem pertinente ao estudo, como o da angústia (ocorre quando o homem se vê diante da liberdade, presente em toda a humanidade, sendo ela a via de si mesmo à sua consciência) e o do desespero (desespero do eu; consiste na condição do homem querer ser ou não aquilo que é, residindo no caráter provisório da existência) (Janzen & Holanda, 2012; Kierkegaard, 1849/2006).

O FILME – SINOPSE

Ida é um filme polonês (figura 1), dirigido por Pawel Pawlikowski, lançado em 25 de dezembro de 2014, com duração de 1h 22min. O filme é fotografado na cor preto e branco e retrata a história da jovem noviça Ana que, na iminência dos seus votos, vai visitar a sua tia Wanda para conhecer um pouco sobre a história de sua família e dos acontecimentos que marcaram a sua infância. No contato com a tia, Anna descobre que

seu verdadeiro nome é Ida e parte numa jornada de autoconhecimento a partir da busca por mais informações sobre a morte de seus pais.

O filme retrata a história de uma jovem que viveu toda a sua vida inserida em um orfanato, cuja subjetividade foi marcada por práticas e dinâmicas institucionais, pautadas em preceitos religiosos e de servidão, e privada, muitas vezes, do contato com o mundo externo.



Figura 1. Ida (2014) – flyer de divulgação. Fonte: Ewing, 2014.

MÉTODO

Trata-se de um estudo qualitativo, de caráter descritivo e analítico, utilizando como metodologia o estudo de caso, com proposta de análise de um filme cinematográfico denominado “Ida”. Essa análise será realizada a partir da técnica de análise de conteúdo, com informações cruzadas (Vala, 1987), da qual se solicita as aproximações entre o conteúdo do filme e os postulados teóricos de Søren Kierkegaard.

Para a análise da obra, foram elencadas três cenas que retratem a possibilidade de convergência entre a teoria existencial kierkegaardiana e o conteúdo abordado no filme. Para a seleção, optou-se pela relação entre o conteúdo manifesto no filme e os postulados sobre os estágios de vida, a angústia e o desespero humano.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise e descrição do filme será realizada a partir dos eixos previamente expostos neste estudo. Para tanto, divide-se esta sessão no eixo: estágios de vida, angústia e desespero.

Estágios de vida, angústia e desespero

Para Kierkegaard, o cerne da existência é a subjetividade, isto é, a verdade pessoal e singular. O autor expõe esse pensamento ao afirmar que “o que importa é achar uma verdade, que é verdadeira para mim, para achar a idéia pela qual vou viver e morrer” (Kierkegaard, citado por Jolivet, 1952, p.30). Dessa forma, indivíduo vai encontrando maneiras em sua história de alinhar a sua existência à sua própria verdade, passando pelos estágios de vida.

No filme, Ida encontra-se em um convento, cuja verdade para a personagem era a realidade cristã, a busca por cumprir os preceitos religiosos próprios à sua vocação. A sua subjetividade estava pautada na religiosidade, assim como seus planos e projetos eram permeados pelos ideais de pobreza, castidade e obediência (figura 2).

Entretanto, observa-se que a partir da saída do convento e no contato com a realidade da vida externa, Ida vai se percebendo enquanto um humano desejante. Ao ser questionada pela tia acerca dos “desejos impróprios”, a noviça afirma que possui, mas que nunca chegou a pensar naqueles considerados “carnais” (e.g., desejo sexual).



Figura 2. Ida (2014): preparação para a consagração. Fonte: Ewing, 2014.

No decorrer da trama, percebe-se uma batalha pessoal constante, mesmo que sutil, enfrentada por Ida, a qual cede ao “desejo carnal” quando conhece um jovem saxofonista em uma carona oferecida por sua tia (figura 3). O contato com o desejo a fez refletir sobre a sua posição no mundo e a sua vontade frente ao modelo de vida levado no convento.

Fica claro, quando se assiste ao filme à luz dos postulados de Kierkegaard, os estágios vivenciados pela jovem Ida: estabelecida em uma realidade cristã, projetava-se no estágio religioso de maneira regular e completa, obedecendo o preceito da humildade (Janzen & Holanda, 2012), até o contato com o mundo além daqueles portões que asseguravam a sua castidade. Assim, a noviça tem o contato com o estágio estético, sobre o qual emerge o temor e a angústia.

Como aponta Rouanet (2013), o estágio estético é

a relação do homem com sua sensibilidade. É o reino da espontaneidade, da dispersão, do descontínuo. É o não mediatizado, o ócio, o lugar de uma entrega não reflexiva à mera existência. É a esfera da arte, do amor, da sedução (Rouanet, 2013, p. 151).

Kierkegaard colocaria o estágio estético como irresponsável, o qual impediria o sujeito de chegar ao estágio religioso (Janzen & Holanda, 2012; Rouanet, 2013). No caso da personagem que, partindo desse olhar, realizou um salto contrário (do religioso

para o estético), observa-se que se fazia necessária tal atitude para fundamentar a sua decisão em se consagrar enquanto freira. A partir do contato com a sensibilidade, Ida pode decidir-se por sua verdade, singularmente, não sendo levada a uma escolha compulsória devido a sua condição de órfã institucionalizada. Ela saiu, conheceu a sua história, alimentou e atendeu aos seus desejos, percebendo-se como alguém que não estava pronta para assumir os votos.



Figura 3. Ida (2014): Ida e o saxofonista em cena de entrega ao desejo. Fonte: Ewing, 2014.

Antes de discutir sobre angústia e o desespero presentes no filme, é necessário colocar que a disputa entre os estágios estético e religioso resultou na volta à verdade anterior à saída do convento. Não se sabe se esta escolha foi pautada no medo, no desejo pelos votos ou pela angústia de não saber lidar com a nova realidade frente à solidão gerada pelo suicídio da tia Wanda, uma vez que o filme não deixa claro.

A angústia, referência da relação do homem com o mundo (Janzen & Holanda, 2012), é apresentada a Ida a partir do momento em que a Madre Superior lhe convoca a visitar a sua tia para conhecer a sua família. Pode não ter sido intencional, mas foi a partir dessa convocação que a calma religiosa vivenciada pela noviça se transformou em um mar vívido de emoções, dentre elas o desespero. A angústia perpassa a obra a

partir dos elementos comportamentais da jovem, sendo poucas vezes verbalizada durante.

O desespero, enquanto relação do homem consigo mesmo (Janzen & Holanda, 2012; Kierkegaard, 1849/2006), pode ser explicado também a partir do postulado Sampaio (2003):

o homem é constituído por um duplo movimento: movimento em direção ao finito e movimento em direção ao infinito. O finito é o que limita e o infinito é o que dá extensão. Quando apenas um destes movimentos se realiza, temos o desespero (p. 90).

Nesse sentido, a obra retrata o desespero sob o viés do afastamento de uma noviça dos preceitos tomados como verdade para a sua vida. A resolução ocorre quando ela decide retornar ao convento e afirmar, de modo particular e autêntico, a sua falta de preparação de assumir os votos de entrada ao convento, enquanto freira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo a análise do filme *Ida* à luz dos postulados de Kierkegaard sobre os estágios de vida, a angústia e o desespero humano, utilizando como técnica de coleta e análise de dados a análise de dados por método cruzado (Vala, 1987).

Foi observada uma aproximação do modo de vida da personagem *Ida* com os estágios estético e religioso, sendo a angústia apresentada como o medo frente ao mundo exterior ao convento, e o desespero pela possibilidade de escolher a forma como gostaria de viver: como freira ou como um sujeito comum, que deseja e tem possibilidade de realizar suas vontades.

Conclui-se que a arte, de modo especial o cinema, favorece a compreensão não somente da realidade, mas propicia a análise teórica e conceitual a partir de seu conteúdo.

REFERÊNCIAS

- Dartigues, A. (2005). *O que é a fenomenologia?* (trad. M. J. J. G. Almeida). São Paulo: Centauro.
- Ewing, J. B. (2014). Ida. [imagem]. Recuperado em 28 de maio de 2018, de <https://creativecriticism.net/?p=14411>.
- Feijoo, A. M. C., & Protasio, M. M. (2011). O Resgate do Caráter Estético da Existência na Filosofia de Kierkegaard. *Revista Filosofia Capital, Brasília*, 6(1), 11-22.
- Janzen, M. R., & Holanda, A. (2012). Elementos para uma psicologia no pensamento de Søren Kierkegaard. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 12(2), 572-596. Recuperado em 28 de maio de 2018, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812012000200015&lng=pt&tlng=pt.
- Jolivet, R. (1952). *El Existencialismo de Kierkegaard*. Buenos Aires: Espasa-Calpe Argentina S. A.
- Jorge, M. S. (2013). O cinema e a imagem verdadeira. *ARS (São Paulo)*, 11(22), 98-121. <https://dx.doi.org/10.11606/issn.2178-0447.ars.2013.80658>
- Kierkegaard, S. (1849/2006). *O desespero humano*. São Paulo: Martin Claret.
- Rouanet, S. P. (2013). Adorno e Kierkegaard. *Estudos Avançados*, 27(79), 147-156. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142013000300011>
- Sampaio, S. S. (2003). Kierkegaard: a ambigüidade da imaginação. *Trans/Form/Ação*, 26(1), 87-96. <https://dx.doi.org/10.1590/S0101-31732003000100003>
- Soulages, François. (2012). O filósofo & a arte. *ARS (São Paulo)*, 10(20), 76-89. <https://dx.doi.org/10.11606/issn.2178-0447.ars.2012.64424>
- Tourinho, C. D. C. (2011). A crítica da fenomenologia de Husserl à visão positivista nas ciências humanas. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 17(2), 131-136. Recuperado em 28 de maio de 2018, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672011000200003&lng=pt&tlng=pt.
- Vala, J. (1987). A análise de conteúdo. In A. S. Silva e J. M. Pinto (Orgs.), *Metodologia das ciências sociais* (pp.100-128). Porto: Edições Afrontamento.

Recebido 20/10/2018. Aceito: 28/12/2018.



Sobre os autores e contato:

Washington Allysson Dantas Silva - Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, Campus I - Acadêmico de Psicologia (UFPB) - Membro do Núcleo de Estudos Psicossociais da Exclusão/Inclusão e Direitos Humanos (CNPq) - Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, Campus I, Departamento de Psicologia, Cidade Universitária, S/N, João Pessoa, PB, CEP: 58051-900
E-mail: allysson_dantas@hotmail.com

Fabiana Cirino dos Santos - Universidade Potiguar (UnP), Natal, Campus Roberto Freire
Psicóloga, Pós-graduanda em Saúde Mental e Atenção Psicossocial (UnP) - Av. Engenheiro Roberto Freire, 2184 – Capim Macio, Natal-RN
E-mail: fabianacirino_@hotmail.com

José Henrique Costa - Centro Universitário do Rio Grande do Norte (UNI-RN), Natal Acadêmico de Direito (UNI-RN) - R. Prefeita Eliane Barros, 2000 – Tirol, Natal-RN
E-mail: henrique.pj@gmail.com